



Construção histórica do povo de Israel: as dominações persa e grega e a revolta de Macabeus

Historical construction of the people of Israel:
persian and greek domination and
Maccabean revolt

*Silvia Regina Nunes da Rosa Togneri**

*Luan Zanoni***

Recebido: 09/11/2018. Aprovado: 08/03/2019.

Resumo: *O presente artigo, de cunho bibliográfico, busca compreender a construção histórica do povo de Israel, dando ênfase aos períodos de dominação persa e grega e da revolta de Macabeus. Os personagens envolvidos, os mecanismos de dominação, o objetivo, as reações, as consequências em Israel, bem como os livros bíblicos produzidos durante esses períodos, são os meios sobre os quais é desenvolvido este artigo. Para a sua construção, as principais fontes bibliográficas utilizadas foram os livros: Uma introdução à Bíblia, de Ildo Bohn Gass, Israel na História: Seu Povo, Sua Fé, Seu Livro, de Sandro Gallazzi, dentre outras obras referentes ao tema. Foi exposto, primeiramente, o período de dominação persa e, por conseguinte, o período de dominação grega e a revolta de Macabeus.*

Palavras-chave: *Dominação. História. Israel. Persa. Helenismo.*

Abstract: *This bibliographical article seeks to understand the historical construction of the people of Israel, emphasizing the periods of Persian and Greek domination and the revolt of the Maccabees. The characters involved, the mechanisms of domination, the purpose, the reactions, the consequences in Israel, as well as the biblical books produced during those periods, are the means on which this article is developed. For its construction, the main bibliographic sources*

* Mestre em Teologia (EST, São Leopoldo, 2011).

E-mail: silviatogneri@gmail.com

** Bacharel em Filosofia (Faculdade São Luiz, Brusque, 2017). Graduando em Teologia (FACASC, Florianópolis).

E-mail: luan_zanoni@gmail.com



used were the books: An Introduction to the Bible, by Ildo Bohn Gass, Israel in History: His People, His Faith, His Book, by Sandro Gallazzi, among other works related to the theme. It was exposed, first, the period of Persian domination and, consequently, the period of Greek domination and the revolt of Maccabees.

Keywords: *Domination. History. Israel. Persian. Hellenism.*

Introdução

Os anais reais são importantes para a cronologia da História de Israel. Diante desta perspectiva mostrar-se-ão datas essenciais para uma melhor compreensão da construção histórica do povo de Israel. Três grandes períodos podem ser mencionados: o pré-monárquico, a monarquia e a era da comunidade religiosa judaica.

O presente artigo, de cunho teórico-bibliográfico, busca compreender, através de alguns apontamentos, a construção histórica do povo de Israel, enfatizando os períodos de dominação persa e grega e a revolta de Macabeus, os personagens envolvidos, os mecanismos de dominação, o objetivo, as reações, as consequências em Israel, bem como os livros bíblicos produzidos durante os mesmos. Para que isso se efetive é necessário lançar mão de algumas bibliografias, seguindo a ordem cronológica proposta. Será exposto, primeiramente, o período de dominação persa e, por conseguinte, o período de dominação grega e a revolta de Macabeus.

1 A dominação persa – 536 a 333 AC

Ciro pôs fim a quase um século de domínio da Babilônia no Oriente Médio iniciando, assim, um período de dominação persa na região. Pela primeira vez na história, todo o Oriente Médio passou ao domínio de um único rei.

1.1 O retorno

Em 538 AC, a Pérsia toma o império babilônico e, diferentemente dos babilônicos, exercem uma dominação considerada ideológica tendo como objetivo dominar o Egito.¹ A Palestina era uma terra de passagem e local que servia como abastecimento do exército persa.

¹ BOHN GASS, I. (Org.). *Uma introdução à Bíblia: Exílio babilônico e dominação persa*. Vol. 5. 3. ed. São Leopoldo: Cebi; São Paulo: Paulus, 2004-2007. p. 77.



Passado o período de Destruição e Exílio (587-538 AC), alguns exilados, com o decreto do Imperador Ciro, voltam às suas terras com o objetivo de reconstruir o templo.

Com Ciro inaugura-se uma nova fase política: ao invés de um governo despótico e ditatorial ele permite aos vários exilados, presentes na Babilônia, resultado de muitas conquistas do extinto Império Babilônico, que retornem às suas pátrias, restaurem suas cidades e templos, mantenham ou recuperem as próprias tradições religiosas onde foram interrompidas.²

Nesta perspectiva, Ciro teve importância singular durante esse processo. O profeta Isaías chega a colocá-lo como um instrumento de Deus no processo de libertação do povo e reabilitação política de Judá.³ Aqueles que foram para o Exílio tiveram a certeza de que o povo de Israel poderia sobreviver no meio de qualquer outro povo.

Os primeiros grupos de judeus que retornaram vieram com Sassa-bassar (Esd 1,8) em 537 AC, e – além de reiniciar o culto – enfrentaram um período de crise com os que ficaram na terra até o ano 520 AC, pois estes “não queriam a volta do sistema tributarista”.⁴ A partir de alguns conflitos com os samaritanos, os judaítas se organizam diminuindo, assim, a influência da Samaria.⁵ Na visão dos judaítas e, especialmente, dos repatriados, os samaritanos teriam se contaminado com outros povos e outras religiões.⁶ Vale ressaltar que os samaritanos eram considerados aqueles que não foram para o Exílio.

Pouco antes de 520 AC, outra importante caravana foi organizada por Zorobabel e Josué. Zorobabel foi um líder civil que iniciou a reconstrução do templo, a qual durou de 520 a 515 AC. Josué, por sua vez, foi líder religioso durante a construção do segundo templo e seu retorno aumentou a esperança na reconstrução de um estado davídico, independente da Pérsia.⁷ Ambos voltaram para Jerusalém para continuar

² MAZZINGHI, Luca. *História de Israel: das origens ao período romano*. Tradução de Renato Adriano Pezenti. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 113-114.

³ VILLAC, Sylvia; SCARDELAI, Donizete. *Introdução ao primeiro testamento: Deus e Israel constroem a história*. São Paulo: Paulus, 2011. p. 124-125.

⁴ GALLAZZI, Sandro. *Israel na História, seu povo, sua fé, seu livro*. São Leopoldo: Cebi, 2011. p. 117.

⁵ FOHRER, Georg. *História da religião de Israel*. Tradução de Josué Xavier. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 412-413.

⁶ BOHN GASS, 2004-2007, p. 85-86.

⁷ BOHN GASS, 2004-2007, p. 88.



as obras de reconstrução do templo que, até então, Sasabassar tinha iniciado. Nesta reconstrução também contaram com o apoio dos profetas Ageu e Zacarias.⁸

1.2 A reconstrução do templo

A retomada da construção do templo foi fruto do momento em que Israel estava aberto a mudanças.

Ageu e Zacarias foram levantados como profetas para admoestar os judaítas para que fizessem a vontade do Deus libertador, reiniciando, assim, a reconstrução do templo. Tinham, também, o projeto de libertar Judá do domínio persa.⁹ Segundo Sandro Gallazzi, o trabalho de Zacarias e Ageu conseguiu unir o grupo sacerdotal-levítico e o povo da terra, ao redor do rei.

Ageu, falando ao povo da terra, e Zacarias, falando aos exilados, conseguiram unir estes dois polos antagônicos que se juntaram para retomar a reconstrução do templo, mais pelo seu significado político do que pela sua dimensão sacrificial e cultural.¹⁰

Caracterizava-se como uma dupla condução monárquico-sacerdotal apresentada por Zacarias, como mostra o resultado da união do grupo sacerdotal-levítico e o povo da terra em torno do rei. Entretanto, não interessava a Dario um templo que seria símbolo de um povo independente.¹¹

A respeito dos que participavam da reconstrução do templo, mesmo não sendo de forma direta, o livro de Esdras apresenta alguma mudança: “Os Israelitas – os sacerdotes, os levitas e o resto dos exilados – celebraram, com alegria, a dedicação deste templo de Deus” (Esdras 6,16).¹² Não fala mais nem do rei Zorobabel nem dos anciãos do povo, apresentando, assim, um outro grupo denominado “filhos de Israel”, que são os sacerdotes, os levitas e os filhos do cativo aos quais se uniram os que tinham rompido com a impureza das nações da Terra. Segundo

⁸ BOHN GASS, 2004-2007, p. 89.

⁹ ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Uma História Cultural de Israel*. São Paulo: Paulus, 2013. p. 229.

¹⁰ GALLAZZI, 2011, p. 124-125.

¹¹ GALLAZZI, 2011, p. 124-125.

¹² BIBLIA de Jerusalém. 34. ed. São Paulo: Paulus, 2002. p. 634.



Gallazzi, são estes que celebram a dedicação do templo, desaparecendo o rei e os anciãos do povo.¹³

Com o templo reinaugurado, o Sumo Sacerdote, como representante do poder religioso, torna-se a pessoa mais influente na comunidade judaica, haja vista que o poder econômico, militar e político, estava nas mãos dos persas. O Sumo Sacerdote tinha como responsabilidade controlar a vida do povo através da observância da lei, do culto no templo.¹⁴ Nesta perspectiva, o templo é que dava identidade aos que voltaram e foi o ponto fulcral para a reconstrução da comunidade. A Lei de Deus se torna a Lei do rei, e o objetivo busca concretizar a reforma de Esdras e Neemias.¹⁵

1.3 A organização

Neemias, a partir do ano de 445 AC, foi nomeado governador e tinha como projeto, reconstruir as muralhas, repovoar, reorganizar as famílias, reconstruir Jerusalém e promover reformas para garantir o sustento das pessoas responsáveis pelo culto (sacerdotes e levitas). Porém, a mudança mais significativa que a missão de Neemias provocou foi a restauração do poder interno aos judaítas. Também foi forçado pelos pobres da terra a exigir dos nobres o perdão das dívidas, a devolução das terras hipotecadas e a libertação de homens e mulheres do campo, já escravizados por causas de suas dívidas.¹⁶

Em 398 AC, Esdras, que era sacerdote e especialista na Lei judaica, busca completar, através da reorganização do povo pelo ensino e observância da Lei, a obra iniciada pelo profeta Neemias.¹⁷ A observância rigorosa da Lei ratificou as medidas de purificação do templo, de reorganização do sustento dos levitas, do cumprimento da Lei do Sábado e da dissolução dos matrimônios mistos.¹⁸

Segundo Samuel J. Schultz:

¹³ GALLAZZI, 2011, p. 125.

¹⁴ BOHN GASS, 2004-2007, p. 99.

¹⁵ GALLAZZI, 2011, p. 133.

¹⁶ BOHN GASS, 2004-2007, p. 115-17.

¹⁷ VILLAC; SCARDELAI, 2011, p. 134.

¹⁸ BOHN GASS, 2004-2007, p. 212.



Um comitê local de Oficiais anunciou a Esdras que certos Israelitas eram culpados de casamento misto com habitantes pagãos das cercanias [...] Esdras não só rasgou as vestes, em sinal de profunda tristeza, mas também puxou os cabelos, a fim de mostrar sua indignação moral e sua ira. Chocado e perplexo, ele se sentou no átrio do Templo, enquanto se reuniam ao seu redor aqueles que temiam as consequências. Ao tempo do sacrifício vespertino ele se levantou de seu jejum e, com as vestes rasgadas, ajoelhou-se para orar, confessando – audivelmente – o pecado de Israel.¹⁹

Esdras e Neemias promoveram reformas profundas sem prejudicar a fé israelita. Permitiram ao povo retomar sua antiga condição de Povo da Aliança com Javé. Como fiéis representantes do Senhor, superaram os inimigos de Judá sob a égide da Torá e do templo, símbolos da soberania do Senhor.²⁰ Neste mesmo período, partindo do conhecimento da Lei, a comunidade judaica, passou a cumprir o cronograma dos ritos festivos presentes nela, a saber: celebraram a Festa das Tendas e o Dia da Expição (com jejum, leitura do livro da Lei, a oração penitencial e compromisso concreto de mudança).²¹

O uso e a purificação do templo continuam, com a expulsão de Tobias que se opôs à reconstrução de Jerusalém, pois seus interesses comerciais no templo estavam ameaçados. Tais medidas visavam, também, o reestabelecimento do sustento e a manutenção dos levitas (Ne 13,4-14).²² A observância do sábado, passa ser um sinal de aliança com Javé, visto que estava sendo profanado pelos comerciantes e nobres (Ne 13,15-22).²³ Outra importante medida abraçada, que servia para a reorganização do povo, foi a pureza étnica (Ne 13,23-31; Esd 9-10).²⁴ Isto é, através da proibição e dissolução de casamentos mistos. Porém, nem todos aceitaram com facilidade, fazendo com que a comunidade judaica se tornasse cada vez mais fechada levando ao desprezo de outros povos (Esd 10,15). Surgem – para combater tal sentimento – os livros de Jó e Rute. A observância rigorosa da Lei do Puro e do Impuro foi outro ponto importante desse período, destacado no livro do Levítico, que teve

¹⁹ SCHULTZ, Samuel J. *A história de Israel no antigo testamento*. Tradução de João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1980. p. 253

²⁰ ZABATIERO, 2013, p. 229.

²¹ BOHN GASS, 2004-2007, p. 122-123.

²² BOHN GASS, 2004-2007, p. 125.

²³ BOHN GASS, 2004-2007, p. 126.

²⁴ BOHN GASS, 2004-2007, p. 127.



consequências diretas sobre as mulheres. Como resposta surgem, nesta época, os livros de Ester, Judite e Cântico dos Cânticos, no qual a figura da mulher era valorizada.²⁵

1.4 O Judaísmo

Diante das medidas mencionadas, Esdras e Neemias lançam os fundamentos do judaísmo. Tais fundamentos apresentam vários privilégios e uma certa obsessão no rigoroso cumprimento da Lei. Mas, de tantos privilégios que esse sistema mantinha e da obsessão em cumprir rigorosamente a Lei, essa estrutura acabou matando João Batista e o próprio Jesus de Nazaré.

Durante o Exílio, ampliou-se a valorização das Escrituras, pois não havia mais trono, nem altar, nem templo, iniciando – assim – o que se chamaria de “Judaísmo” depois do Exílio.²⁶ As Escrituras passam a ser o centro, e a Lei torna-se mais importante do que o próprio culto no templo. Com as Escrituras no centro, o Judaísmo passa a ser considerado a religião do Livro, isto é, uma comunidade sujeita exclusivamente à Lei de Moisés proporcionando um forte espírito de comunidade.²⁷

Segundo Ildo Bohn Gass, o dia do nascimento do Judaísmo pode ser considerado o da leitura pública da Lei de Moisés narrada em Neemias 8. Para ele, se o fundador de Israel foi Moisés, então pode-se dizer que Esdras foi quem lhe deu aquela estrutura que criava as condições para sobreviver através dos séculos.²⁸

No período pós-exílio, a classe sacerdotal regulamentou ainda mais os setores da vida de acordo com a Lei surgindo, assim, diante da necessidade do conhecimento, da interpretação, do ensinamento e da aplicação da Lei, uma nova classe de pessoas dentro do Judaísmo: os escribas ou especialistas na Lei.²⁹

Diante disso, ainda entre os deportados na Babilônia e como espaço nas casas para assembleia da comunidade em torno da Palavra, dá-se o início da sinagoga. Sua finalidade era possibilitar um espaço de oração e

²⁵ BOHN GASS, 2004-2007, p. 130.

²⁶ BOHN GASS, 2004-2007, p. 131

²⁷ VILLAC; SCARDELA, 2011, p. 132-133.

²⁸ BOHN GASS, 2004-2007, p. 132.

²⁹ BOHN GASS, 2004-2007, p. 132.



de estudo da Lei. Na época da Esdras e Neemias essa prática foi, certamente, difundida entre os repatriados. Com isso a Lei de Moisés passou a ser uma questão central na tentativa de manter a identidade dos judeus em torno de Jerusalém, tornando as Escrituras ainda mais importantes.

Segundo Bohn Gass,

A sinagoga era uma organização leiga. Não se realizavam, ali, sacrifícios de animais. Os sacerdotes podiam participar, porém, em pé de igualdade com os demais participantes. No começo, a “reunião/sinagoga” era realizada nas casas. No passar dos anos, porém, foram construídos prédios próprios para esse fim, também chamados de sinagogas.³⁰

A sinagoga, neste sentido, representou uma inovação na vida religiosa no antigo Oriente. Isto é, foi o primeiro edifício de culto em que os fiéis puderam assistir aos ritos de forma integral, enquanto que, nos templos, havia partes reservadas para certas categorias (mulheres, homens, sacerdotes, sumos sacerdotes).³¹

A partir disso, posteriormente, foi-se deixando – aos poucos – a necessidade da pureza étnica para pertencer ao Judaísmo, ou seja, o estrangeiro poderia participar da religião judaica desde que se submetesse à Lei e aceitasse a circuncisão.³²

1.5 A literatura produzida na época

Os escritos bíblicos do tempo da dominação persa podem ser classificados em dois períodos: o primeiro vai de 538 a 445 e o segundo corresponde aos anos 445 a 333 AC.

Na primeira fase a tradição sacerdotal continuou sua obra literária e redigiu parte do Livro do *Levítico* (Lv 1-7) e, no mesmo período os capítulos de 11-16 que tratam do desejo de comunhão com Deus. São também dessa época os Livros dos profetas: *Ageu*, que faz uma leitura messiânica da história; *Zacarias* (1-8), que retrata a nova comunidade de Israel; *Isaias* (56-66), que coloca Deus como fonte segura de salvação; *Joel*, que apresenta o povo novo como aquele que terá – em Jerusalém

³⁰ BOHN GASS, 2004-2007, p. 133.

³¹ PAZZINI, Massimo. O coração perdido do culto judaico. *Terra Santa*. Revista franciscana de cultura, lugares santos e o mundo da fé, edição 23, p. 17-33, 2018.

³² BOHN GASS, 2004-2007, p. 133.



– um novo paraíso; e diversos *Salmos*, 4; 10; 22; 23; 50; 77; 78; 83; 105-107; 126.33

Na segunda fase tem-se apenas os documentos do Primeiro Testamento que vão, aproximadamente, do período histórico de Neemias (445 AC) e Esdras (398 AC) até Epifanes IV (175-164 AC). Este período torna-se importante para a formação da Bíblia como livro. Dentre os livros que surgiram no segundo período Persa destacam-se o livro de *Rute*, a avó estrangeira do rei Davi; *Jonas*, que coloca que a Palavra de Deus é para todos; *Provérbios* 1-9, que destaca a sabedoria que vem de Deus; o livro de *Jó* e o *Cântico dos Cânticos*.³⁴

2 Dominação grega – 333 a 142 AC

Tendo perpassado esse período de domínio persa, no qual foram elencados alguns pontos importantes, tratar-se-á agora do domínio grego ou helenista.

Após o domínio persa surge o domínio helenístico. Este período foi marcado pelas vitórias militares de Alexandre Magno, em 333 AC. Para chegar ao Egito, Alexandre precisou atravessar Judá. Nesta travessia o exército grego expulsou o povo persa que dominava a região, estabelecendo-se, assim, os gregos entre os judeus. O projeto de Alexandre consistia em exercer o domínio dos gregos sobre os outros povos por meio de uma cultura universal: o Helenismo.³⁵

Ao se referir à cultura helênica, pensa-se no modo de vida que se difundiu no Oriente Médio a partir da dominação dos gregos, isto é, seus valores e contravalores, sua economia e organização social, sua divisão de mundo, das pessoas e das divindades.

Diante disso cabe elencar algumas características presentes na civilização grega, a saber: a economia grega estava organizada a partir da propriedade particular e individual da terra. Havia trabalho escravo e o sistema escravocrata definia a estrutura social grega; três eram as camadas sociais na estrutura escravocrata da Grécia (os livres, os

³³ LEITURA ORANTE. Disponível em: <<https://leituraorante.comunidades.net/137-pos-exilio-dominacao-persa-538-333-ac>>. Acesso em: 27 set. 2018.

³⁴ LEITURA ORANTE. Disponível em: <<https://leituraorante.comunidades.net/137-pos-exilio-dominacao-persa-538-333-ac>>. Acesso em: 27 set. 2018.

³⁵ VILLAC; SCARDELAI, 2011, p. 140.



libertos e os escravos); o Helenismo era uma cultura essencialmente urbana fazendo com que a cidade (*pólis*) se tornasse foco de irradiação da cultura grega. Da palavra *pólis* vem a palavra político, isto é, cidadão e, também deriva política, isto é cidadania. O modelo padrão da cidade grega consistia na praça, avenidas com colunas, templos, teatro e ginásio de esportes. Havia destacamentos militares. Através da dominação que exerciam sobre os outros povos, os gregos difundiam seu modo de vida, empunhado através de diversos meios; a cultura grega estava centrada no indivíduo que buscava a afirmação de sua liberdade e a satisfação de seus sentidos, bem diferente do Judaísmo; a religião era politeísta e não tinha interferência direta na vida diária das pessoas helenizadas.³⁶

Como qualquer cultura antiga, o helenismo é muito complexo. Trazia um forte valor educacional voltado ao domínio da racionalidade filosófica, à admiração do belo, à agilidade de raciocínio lógico e à criatividade. A língua torna-se elemento importante de dominação helenística, pois a aramaica, usada desde o tempo dos babilônios, foi substituída pelo grego, tornando-a língua oficial do império.³⁷ Nesta perspectiva, era comum os gregos considerarem como bárbaros todos aqueles que rejeitavam o helenismo.³⁸

Deste modo o helenismo ia desde o modo de conversar, de vestir, estudar, viver na cidade a participar de tudo o que os centros urbanos ofereciam. Porém na Judeia, várias reações contrárias ao helenismo estavam ocorrendo, culminando em constantes confrontos com o exército grego, fruto da preocupação com o avanço da cultura grega sobre os fiéis. Para os judeus da Palestina, o helenismo se transformou numa terrível ameaça à identidade do povo judeu.³⁹

2.1 A divisão do império de Alexandre

Alexandre falece em 323 AC, e, como não havia ninguém que tivesse condições de assumir o controle de todo o império, ele foi dividido entre os oficiais de seu exército: Lisímaco, Cassandro, Ptolomeu e

³⁶ BOHN GASS, I. (Org.). *Uma introdução à Bíblia: Período grego e vida de Jesus*. Vol. 6. São Leopoldo: Cebi; São Paulo: Paulus, 2005. p. 11-14.

³⁷ AUZOU, Georges. *A tradição bíblica*. Tradução de Frei Eliseu de Lucena Lopes. São Paulo: Duas Cidades, 1971. p. 223.

³⁸ VILLAC; SCARDELAI, 2011, p. 141-142.

³⁹ VILLAC; SCARDELAI, 2011, p. 142.



Selêuco. Esses dois últimos, os Ptolomeus, no Egito, e os Selêucidas, na Síria e no Oriente, entraram em combate pelo domínio de Judá.⁴⁰ Em 301 AC, alguns generais se impuseram, apropriando-se das maiores regiões do vasto império. A partir de Alexandria no Egito, o general Ptolomeu governa também sobre a Líbia, a Fenícia e a Palestina.⁴¹

2.2 O governo sob os Ptolomeus

Sob os Ptolomeus os judeus tiveram sua economia e vida social controladas. O século de domínio, por parte dos Ptolomeus, foi um período de várias tentativas dos Selêucidas se apoderarem da Palestina promovendo seguidos ataques. Foi uma época de muita exploração.⁴²

Os judeus, dispersos pelas cidades helenizadas, viviam mergulhados na cultura grega. Em Alexandria iniciaram um processo de enculturação, conservando, porém, a observância da Lei e o culto na sinagoga. Foi em Alexandria, durante o reinado de Ptolomeu II (282-246 AC), que foi traduzida a Bíblia hebraica para o grego e, também, mais tarde, escrito o Livro da Sabedoria.⁴³

Os judeus da Palestina, diante do Helenismo, se dividiram entre classe de dirigentes, que era composta pelos chefes dos sacerdotes, setores da aristocracia, e os mais pobres e fiéis à Lei de Moisés. Diante disso, o sumo sacerdote passa a ser, também, governador aumentando ainda mais o poder do sumo sacerdote.⁴⁴

2.3 O governo sob os Selêucidas

Em 202 AC, Israel passa ao domínio dos selêucidas, e sob Antíoco IV Epífanês, são impedidas as tradições judaicas.

O reinado do Selêucida Antíoco III (223-187 AC) foi marcado pelo auge do poder dos gregos no Oriente Médio e, também, foi o início de sua decadência. Tentou avançar sobre a Europa, porém foi rechaçado pelos romanos que impuseram-lhe uma paz humilhante e exigiram parte

⁴⁰ PIXLEY, Jorge. *A história de Israel a partir dos pobres*. Coleção Deus Conosco. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 102-103.

⁴¹ BOHN GASS, 2005, p. 10.

⁴² PIXLEY, 1998, p.103.

⁴³ BOHN GASS, 2005, p. 19.

⁴⁴ BOHN GASS, 2005, p. 19-20.



de seu império. Foi neste período que Roma começou a se destacar como nova potência.⁴⁵

Em 198 AC, depois de muitas batalhas contra os Ptolomeus, Antíoco III sai vitorioso tomando posse da Síria, da Fenícia e da Palestina. Quando Antíoco III foi morto, seu filho, Seleuco IV (187-175 AC), o sucedeu e, ao saquear o templo para poder pagar as dívidas a Roma, é morto por seu ministro. Antíoco IV Epífanes (175-163 AC) assumiu seu lugar.⁴⁶

Antíoco III respeitou os costumes e a fé judaica. Mas não foi assim que seu sucessor Antíoco IV Epífanes fez, permitindo atentar contra o mais sagrado do judaísmo: o templo e o monoteísmo religioso. Diante da resistência dos judeus em aceitar a helenização, ele chegou a proibir os sacrifícios no templo, a prática do sábado, a circuncisão e os livros sagrados, ordenou a construção de templos para as divindades gregas e, no mesmo templo de Jerusalém, teve um altar ao Zeus Olímpico.⁴⁷

Houve resistência do povo da terra contra a exploração econômica. Para os judeus fiéis à Lei e ao culto no templo, o mais importante era a pureza de sua identidade, reagindo assim contra a helenização dos costumes judaicos.⁴⁸

2.4 A literatura produzida na época

Depois de analisar a vitória de Alexandre Magno sobre o Império Persa e de olhar a disputa de seus generais por um pedaço do novo império, a dominação dos Ptolomeus sobre a Palestina, a partir de Alexandria no Egito, tratar-se-á – agora – sobre os livros que foram editados nessa época.

No período de transição entre os persas e gregos vale ressaltar a edição do texto hebraico de Ester. Livro escrito para encorajar os judeus

⁴⁵ BOHN GASS, 2005, p. 42-43.

⁴⁶ BOHN GASS, 2005, p. 43.

⁴⁷ Antíoco III se mostró respetuoso con las costumbres y la fe judías. Pero no así su sucesor Antíoco IV Epífanes, que se permitió atentar contra lo más sagrado del judaísmo: el Templo y el monoteísmo religioso. Ante la resistencia de los judíos a aceptar la helenización, llegó a prohibir los sacrificios en el templo, la práctica del sábado, la circunsición y los libros sagrados, ordenó la construcción de templos a divindades griegas y en el mismo templo de Jerusalén hizo levantar un altar a Zeus Olímpico. [DÍEZ, Florentino. *Guía de Tierra Santa: história-arqueología-biblia*. 2. ed. Navarra: Verbo divino, 1993. p. 26].

⁴⁸ BOHN GASS, 2005, p. 21.



da diáspora a se manterem fiéis às suas tradições em meio a povos multiculturais.⁴⁹

Na época de dominação dos Ptolomeus, surge o Livro de *Eclesiastes*. Livro crítico tanto ao modo de vida dos gregos, quanto à sabedoria tradicional de Israel. A felicidade está em viver do fruto do próprio trabalho, na solidariedade e no temor de Deus e não no trabalho escravo, o prazer e o individualismo. Surge, neste período, *Zacarias* 9-14 (acréscimo ao Livro de *Zacarias*). Os capítulos 9 a 11 são profecias que expressam a esperança na vinda de um Messias justo e pobre, que resgata o projeto de paz e fraternidade. Já os capítulos 12 a 14 representam a esperança da comunidade judaica em torno do culto no Templo de Jerusalém. O Livro de *Tobias*, da mesma forma que o livro de Ester, quer estimular as famílias de judeus dispersos pelo império a manterem piedosamente as tradições de seus pais, pois Deus continua fiel ao seu povo.⁵⁰

Durante o domínio dos Selêucidas, surge o Livro do *Eclesiástico*. Este Livro vem em defesa da sabedoria tradicional de Israel em torno do trono do templo de Jerusalém, controlado por sacerdotes e escribas. Diante dos heróis gregos e da sabedoria, *Eclesiástico* destaca a fé, a Lei, a sabedoria e os heróis de Israel.⁵¹

3 A revolta de Macabeus – 167 a 64 AC

Em 167-142 AC, ocorre a revolta dos Macabeus por motivos – principalmente – religiosos. A abominação da desolação pairava sobre o Templo de Jerusalém, COMO resultado das indignidades religiosas instituídas por Antíoco IV Epífanes.⁵²

Diante disso, Matatias se opõe à helenização, para defender a tradição (1Mc 2,18-27). Segundo Florentino Díez:

Embora houvesse um setor partidário da helenização que aceitasse essas ordens, muitos outros não apoiaram e ergueram-se em armas, liderados

⁴⁹ BOHN GASS, 2005, p. 92.

⁵⁰ BOHN GASS, 2005, p. 92-93.

⁵¹ BOHN GASS, 2005, p. 93.

⁵² KEYES, Nelson Beecher. *História ilustrada do mundo bíblico*. Tradução de João Távora. Rio de Janeiro: Seleções do Reader's Digest, 1962. p. 111.



por Matatias e seus filhos, pertencentes a uma família sacerdotal. A eles se uniram, entre outros, os assídeos (piedosos).⁵³

Com a sua morte, em 166 AC, Judas Macabeu torna-se novo líder e incita a nação palestina a lutar pela independência. No ano 164 AC, ele ocupa o templo, purifica-o e o restaura para o uso do culto judeu.⁵⁴ Depois da inauguração, continuaram as lutas. Judas Macabeu caiu em combate, mas sua luta foi continuada por seu irmão, Jônatas, que fortaleceu o reino, anulou os editos de Antíoco, e transformou a Judeia num reino independente.

Em 152 AC, Jônatas, um dos irmãos de Judas, tornou-se o sucessor do movimento de resistência e, aproveitando-se das lutas contínuas entre os vários pretendentes ao trono da Síria, alcança de Alexandre Balas, pretendente ao trono selêucida, a nomeação ao cargo de sumo sacerdote.⁵⁵ Tanto o poder militar como religioso passam para os Macabeus (1Mc 9,23-12,53). Vítima de suas próprias maquinações Jônatas foi morto numa armadilha em 143 AC. (1Mc 12,39-54), na tentativa de selar aliança com o enésimo pretendente ao trono selêucida, depois de ter concluído aliança com Esparta e, sobretudo, com os romanos (1 Mc 8, 17-18).⁵⁶

Após a morte de Jônatas, Simão, seu irmão, assumiu a liderança da luta e, em 142 AC, conseguiu o controle de Jerusalém conquistando a fortaleza onde, até então, os gregos sempre mantiveram um destacamento militar.⁵⁷ Torna-se general, sumo sacerdote e chefe dos judeus (143-134 AC), liberta definitivamente Jerusalém dos Selêucidas.⁵⁸ Era a independência que Judeia esperava desde 587 AC, e, depois de 25 anos de lutas, a insurreição macabaica alcançava o sucesso, sendo exaltada pelo povo a vitória de Simão.⁵⁹ É neste período que se inicia a dinastia dos hasmoneus.

⁵³ Aunque hubo un sector partidario de la helenización que acató dichas órdenes, otros muchos no la soportaron y se alzaron en armas, capitaneados por Matatías y sus hijos, pertenecientes a una familia sacerdotal. A ellos se unieron, entre otros, los *asídeos* (píadosos). [DÍEZ, 1993, p. 26].

⁵⁴ FOHRER, 1982, p. 460.

⁵⁵ MAZZINGHI, 2017, p. 144.

⁵⁶ MAZZINGHI, 2017, p. 144.

⁵⁷ GALLAZZI, 2011, p. 187.

⁵⁸ Cf. PIXLEY, 1998, p.113-114.

⁵⁹ GALLAZZI, 2011, p. 187.



O período dos hamoneus se estende do reino de João Hircano até a conquista romana, liderada por Pompeu, em 63 AC. Não é verificável nos textos bíblicos, mas é importante, pois permite compreender o pano de fundo imediato dos acontecimentos sobre os quais se moverá a história de Israel no tempo de Cristo.⁶⁰

A dinastia hasmoneia, segundo Gallazzi, se tornou mais helenista do que os primeiros helenizantes contra os quais a guerrilha combateu. A casa que tanto lutou em defesa de seu projeto de vida será esmagada pelo palácio hasmoneu, pelo templo e pelo mercado grego-romano.⁶¹

Depois do início da autonomia, surgiram vários grupos. Os fariseus são os que fortalecem as sinagogas, ensinando a Lei e ficando na cidade. Os saduceus, herdeiros do poder sacerdotal do templo (elite), exercem poder econômico e não aceitam a tradição oral dos fariseus. Os essênios formam comunidades no deserto, permanecendo nas áreas rurais.⁶²

3.1 A literatura produzida na época

Os Livros editados durante a revolta de Macabeus foram *Daniel*, *Judite* e *2Macabeus*. O Livro de *Daniel* é uma literatura de resistência do campesinato fiel contra o imperialismo selêucida, usando uma linguagem em códigos, repleta de sonhos e visões. Assim como os livros de Ester e Tobias, o Livro de *Judite* é uma novela bíblica com fundo histórico. Seus autores querem encorajar os judeus a resistirem contra a opressão dos Selêucidas e a permanecerem fiéis à Lei, confiando na presença de Deus na luta de libertação. O Livro *2Macabeus* reflete sobre a imposição forçada do helenismo por Antíoco IV Epífanes, bem como a resistência heroica de Judas Macabeu, que liberta novamente o templo para o culto.⁶³

Por fim, vale ressaltar também os livros que surgiram no período da dinastia dos hasmoneus, últimos livros do Antigo Testamento. O texto grego de Ester faz uma releitura à versão hebraica, aplicando-a à opressão de Antíoco IV Epífanes e à luta de resistência dos Macabeus. O Livro *1Macabeus* faz uma descrição de toda a guerrilha comandada pelos irmãos macabeus. O Livro de *Baruc* convida ao arrependimento,

⁶⁰ MAZZINGHI, 2017, p. 145.

⁶¹ GALLAZZI, 2011, p. 192.

⁶² BOHN GASS, 2005, p. 57-58.

⁶³ BOHN GASS, 2005, p. 93-94.



à conversão e à fidelidade dos judeus dispersos, na esperança de uma restauração em torno de Jerusalém. O Livro da *Sabedoria* quer ajudar as comunidades judaicas de Alexandria a preservarem sua identidade, propondo a busca da sabedoria como companheira ideal que dá sentido e imortalidade à vida. O livro da Sabedoria desperta também a memória da ação da justiça imortal de Deus na natureza e na história de Israel. Tal memória suscita a busca de um êxodo permanente em todos os tempos e lugares, inclusive nos tempos atuais.⁶⁴

Considerações finais

Após perpassar tanto o período de dominação persa quanto o período de dominação helenista e a revolta de Macabeus, cabem algumas considerações.

O presente artigo propõe compreender a construção histórica do povo de Israel a partir de alguns apontamentos. Para realizar tal proposta, foi dividido em três períodos, contendo os objetivos específicos. Tais objetivos e os resultados por eles alcançados serão aqui apresentados e evidenciados.

Primeiramente foi dada ênfase ao período de dominação persa. Inicia-se com o retorno de alguns exilados após o Decreto do Imperador Ciro para a reconstrução do Templo, cujos personagens, os profetas Ageu e Zacarias, mereceram destaque. Acentua-se a organização da cidade, quando destacaram-se Neemias, nomeado governador, com o projeto de reconstruir a muralhas, repovoar, reorganizar as famílias, reconstruir Jerusalém e promover reformas para garantir o sustento das pessoas responsáveis pelo culto (sacerdotes e levitas) e Esdras que buscou completar, através da reorganização do povo pelo ensino e observância da Lei, a obra iniciada pelo profeta Neemias. Viu-se, também, a formação do Judaísmo como modo de vida intimamente vinculado à Lei de Moisés, cuja observância era o principal meio para pertencer à comunidade judaica. Por fim, apresentaram-se os livros produzidos neste período de dominação.

Tratou-se depois acerca do domínio grego ou helenista. Apresentou-se, neste período, a vitória de Alexandre Magno sobre o Império Persa dando início ao período de dominação helenista que tinha como

⁶⁴ BOHN GASS, 2005, p. 94.



projeto implantar uma cultura universal: o Helenismo. Para os judeus da Palestina, o helenismo se transformou numa terrível ameaça à identidade do povo judeu. A divisão do Império de Alexandre entre os Ptolomeus (no Egito) e Selêucidas (na Síria e no Oriente) também foi tratada, assim como a literatura produzida nesta época.

Por fim, tratou-se da revolta dos Macabeus marcada, principalmente, por motivos religiosos. Iniciada por Matatias – que se opõe à helenização para defender a tradição – é continuada por Judas Macabeu, comandante que incita a lutar pela independência. Jônatas, um dos irmãos de Judas, tornou-se o sucessor do movimento de resistência, aproveitando-se das lutas contínuas entre os vários pretendentes do trono da Síria. Depois, Simão, irmão de Jônatas, que assumiu a liderança da luta e conseguiu o controle de Jerusalém, dá início à dinastia dos hasmoneus. Por fim, deu-se destaque aos livros editados neste período.

Diante das questões abordadas neste artigo, percebe-se que, na construção histórica de Israel, há dois personagens principais: o Senhor, que revela o seu projeto de liberdade, e o povo, que busca viver em comunhão com o Senhor. Desde o tribalismo, Israel procurou ser fiel à aliança com o Senhor, mas nem sempre conseguiu por conta de diversos movimentos que impuseram suas ideias. Mas o Espírito de Deus mostrou que aqueles que confiam nele jamais serão desamparados.

Referências

AUZOU, Georges. *A tradição bíblica*. Tradução de Frei Eliseu de Lucena Lopes. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

BÍBLIA de Jerusalém. 34. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

BOHN GASS, I. (Org.). *Uma introdução à Bíblia: Exílio babilônico e dominação persa*. Vol. 5. 3. ed. São Leopoldo: Cebi; São Paulo: Paulus, 2004-2007.

_____. *Uma introdução à Bíblia: Período grego e vida de Jesus*. Vol. 6. São Leopoldo: Cebi; São Paulo: Paulus, 2005.

DÍEZ, Florentino. *Guía de Tierra Santa: história-arqueología-bíblia*. 2. ed. Navarra: Verbo divino, 1993.

FOHRER, Georg. *História da religião de Israel*. Tradução de Josué Xavier. São Paulo: Paulinas, 1982.



GALLAZZI, Sandro. *Israel na História, seu povo, sua fé, seu livro*. São Leopoldo: Cebi, 2011.

KEYES, Nelson Beecher. *História ilustrada do mundo bíblico*. Tradução de João Távora. Rio de Janeiro: Seleções do Reader's Digest, 1962.

LEITURA ORANTE. Disponível em: <<https://leituraorante.comunidades.net/137-pos-exilio-dominacao-persa-538-333-ac>>. Acesso em: 27 set. 2018.

MAZZINGHI, Luca. *História de Israel: das origens ao período romano*. Tradução de Renato Adriano Pezenti. Petrópolis: Vozes, 2017.

PAZZINI, Máximo OFM. O coração perdido do culto judaico. Terra Santa. *Revista Franciscana de Cultura*. Lugares santos e o mundo da fé, edição 23, p. 17-33, 2018.

PIXLEY, Jorge. *A história de Israel a partir dos pobres*. Coleção Deus Conosco. Petrópolis: Vozes, 1998.

SCHULTZ, Samuel J. *A história de Israel no antigo testamento*. Tradução de João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1980

VILLAC, Sylvia; SCARDELAI, Donizete. *Introdução ao primeiro testamento: Deus e Israel constroem a história*. São Paulo: Paulus, 2011.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Uma História Cultural de Israel*. São Paulo: Paulus, 2013.